Componente curricular: GEOGRAFIA

9º ano –2º bimestre

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 6 – Nação e nacionalismos em tempos de globalização

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Trabalhar a leitura de um texto mais denso conceitualmente com os estudantes.

Apresentar uma possibilidade de fichamento para estudantes nos anos finais do Ensino Fundamental.

Problematizar as noções de nação, nacionalismo, identidade e pertencimento com os estudantes.

OBJETO DE CONHECIMENTO

Intercâmbios históricos e culturais entre Europa, Ásia e Oceania.

HABILIDADE

(EF09GE08) Analisar transformações territoriais, considerando o movimento de fronteiras, tensões, conflitos e múltiplas regionalidades na Europa, na Ásia e na Oceania.

PLANEJAMENTO DAS AULAS

Aulas previstas: 3

Aula 1

**Objetivo da aula:** Leitura e início do fichamento.

**Materiais específicos necessários:** Uma cópia do texto para cada estudante / Dicionário.

**Organização dos estudantes:** Semicírculo / Em fileiras.

**Etapas de desenvolvimento:**

* Distribuir uma cópia para cada estudante. Destacar o nome do autor, explicar que se trata de um conhecido historiador falecido em 2012. Destacar o nome do livro e que o nome do capítulo do qual o trecho fora extraído é *O nacionalismo no final do século XX*. É importante, antes de iniciar o texto, contextualizar que se trata de uma obra na qual o autor discute justamente as noções de nação e nacionalismo tendo em vista o final do século XX e o início do século XXI, sendo que o historiador "olha para trás" para analisar aspectos históricos relevantes para tal compreensão.
* Deixar claro que o objetivo é tanto conceitual, isto é, discutir conceitos pertinentes ao bimestre, como procedimental: desenvolver a leitura, a atividade do fichamento (explicar brevemente), a escrita e a discussão a partir de um material previamente estudado.
* Realizar uma primeira leitura coletiva, com o professor lendo e comentando alguns pontos para ajudar nessa primeira compreensão. Não será necessário nesse primeiro momento responder à todas as questões levantadas nem detalhar os pontos mais importantes do texto, a ideia é deixar a leitura fluir, podendo, por exemplo, esclarecer uma ou outra palavra desconhecida entre os estudantes.
* Após a primeira leitura, pedir para que alguns estudantes digam o que compreenderam, para verificar o que de fato ficou dessa primeira experiência.
* Explicar que agora iniciarão o fichamento: procedimento que dá uma possibilidade de estudar mais detalhadamente um texto. Consiste em resumir, com as palavras do próprio autor, parágrafo por parágrafo do texto. As etapas são: a) contar o número de parágrafos (11); b) ler o parágrafo; c) reler o parágrafo grifando as partes principais; d) circular palavras desconhecidas para depois pesquisar no dicionário; e) escrever no caderno o resumo do parágrafo, isto é, apenas as partes grifadas (eventualmente será preciso inserir algum artigo ou conectivo para dar sentido a esse resumo).
* Repetir parágrafo por parágrafo tais etapas. Com isso, garante-se uma leitura demorada e atenta e tem-se no caderno um registro para eventuais consultas.
* Ao final do fichamento, incluir as palavras circuladas e formar um glossário, a ser preenchido com ajuda do dicionário.
* Feitas as explicações, deixar os estudantes trabalhando individualmente e passar de carteira em carteira para esclarecer eventuais dúvidas.
* A seguir, o texto para ser trabalhado:

"De fato, a emergência de agitações étnicas e separatistas é devida, em parte, ao fato de que o princípio da criação de Estados desde a Segunda Guerra Mundial, contrariamente à crença comum, nada tem a ver com a autodeterminação nacional wilsoniana que existiu logo após a Primeira Guerra Mundial. A emergência dessas agitações refletia três forças: descolonização, revolução e, naturalmente, a intervenção de poderes externos. Mais da metade dos Estados existentes na atualidade tem menos de quarenta anos; isto limita seriamente a incidência do 'princípio de nacionalidade' tradicional.

Descolonização significa que, de modo geral, os Estados independentes foram criados fora das áreas existentes de administração colonial, mas dentro de suas fronteiras coloniais. Estas, evidentemente, foram delineadas sem nenhuma referência aos seus habitantes (ou mesmo sem o seu conhecimento) e, portanto, não tiveram nenhum significado nacional ou mesmo protonacional para suas populações; exceto para as minorias ali nascidas, ocidentalizadas e colonialmente educadas, e que embora variassem eram, em geral, de tamanho exíguo. De maneira inversa, onde tais territórios eram muito pequenos e dispersos, como em muitos arquipélagos colonizados, eles se uniram ou se separaram conforme a conveniência ou as políticas locais. Consequentemente, os apelos dos líderes de tais novos Estados, constantes e eventualmente frequentes, para vencer o 'tribalismo', o 'comunalismo', ou quaisquer outras forças, têm sido responsabilizados pelo fracasso dos novos habitantes da República X não se sentirem primordialmente os cidadãos patrióticos de X e, sim, membros de outra coletividade.

Em resumo, o apelo da maioria dessas 'nações' e 'movimentos nacionais' foi exatamente o oposto do nacionalismo que procura estabelecer laços entre aqueles considerados como tendo, em comum, uma etnicidade, uma linguagem, uma cultura, um passado histórico e assim por diante. De fato, esse apelo era internacionalista. O internacionalismo dos líderes e quadros dos movimentos de libertação nacional do Terceiro Mundo é mais evidente onde tais movimentos tiveram um papel destacado na libertação de seus países, do que naqueles países que foram descolonizados por movimentos que vieram 'de cima'. Isso porque é mais dramático o colapso pós-independência daquilo que vinha funcionando, ou parecia funcionar, como um movimento unido 'do povo'. Às vezes, como na Índia, a unidade do movimento foi rompida antes mesmo da independência.

Mais frequentemente, logo após a independência, desenvolvem-se as tensões entre as partes componentes dos movimentos de independência (exemplos: na Argélia, entre os árabes e os berberes), entre povos envolvidos ativa e não ativamente, ou ainda, entre o secularismo não setorial já emancipado dos líderes e os sentimentos das massas [...]

A 'nação', hoje, visivelmente, está em vias de perder uma parte importante de suas velhas funções, nominalmente aquela da constituição de uma 'economia nacional' confinada territorialmente, que formava, ao menos nas regiões desenvolvidas do mundo, um bloco estabelecido na 'economia mundial' mais ampla. Desde a Segunda Guerra Mundial, mas especialmente desde os anos 60, o papel das 'economias nacionais' tem sido corroído ou mesmo colocado em questão pelas principais transformações na divisão internacional do trabalho, cujas unidades básicas são organizações de todos os tamanhos, multinacionais ou transnacionais, e pelo desenvolvimento correspondente dos centros internacionais e redes de transações econômicas que estão, para fins práticos, fora do controle dos governos dos Estados. O número de organizações internacionais intergovernamentais cresceu de 123 em 1951 para 280 em 1972 e para 365 em 1984; o número de organizações internacionais não governamentais foi de 832 para 2 173 em 1972, e mais que dobrou nos doze anos que se seguiram atingindo 4 615 em 1984. Provavelmente a única 'economia nacional' em funcionamento no final do século XX seja a japonesa.

Não apenas as velhas 'economias nacionais' (desenvolvidas), principais blocos estabelecidos do sistema mundial, foram substituídas por associações ou federações maiores dos 'Estados-nações', tais como a Comunidade Econômica Europeia, e entidades internacionais controladas coletivamente como o Fundo Monetário Internacional, como ainda, a emergência dessas entidades é também um sintoma de retrocesso do mundo das 'economias nacionais'. Partes importantes do sistema de transações internacionais, tais como o mercado de eurodólares, estão fora de qualquer controle.

Tudo isso, naturalmente, tornou-se possível tanto pelas revoluções tecnológicas nos transportes e nas comunicações, como por um período prolongado de livres movimentos dos fatores de produção sobre uma vasta área do globo terrestre que se desenvolveu desde a Segunda Guerra Mundial. Isso impulsionou também uma onda maciça de migração, intercontinental e internacional, a maior delas desde as décadas anteriores a 1914, que, incidentalmente, agravou os atritos intercomunais, sobretudo sob a forma do racismo, transformando um mundo de territórios nacionais 'que pertenciam' exclusivamente aos que lá nasceram, e que mantêm estrangeiros em seus lugares, em uma opção bem menos realista para o século XXI do que foi para o século XX. No presente, estamos vivendo uma curiosa combinação de tecnologia do final do século XX com o livre comércio do século XIX, e com o renascimento de uma espécie de centros intersticiais característicos do comércio mundial no período da Idade Média. Cidades-Estados como Hong-Kong e Cingapura ressuscitam 'zonas industriais' multiplicadas dentro de Estados-nações tecnicamente soberanos e situadas fora do território, como as Ligas Hanseáticas e as taxas aduaneiras correntes em zonas de praias de diferentes ilhas sem valor, cuja única função é, precisamente, remover as transações econômicas do controle dos Estados-nações. A ideologia das nações e do nacionalismo é irrelevante para qualquer dessas manifestações.

Isso não significa que as funções econômicas dos Estados diminuíram ou estão prestes a acabar. Pelo contrário, tanto nos Estados não capitalistas como nos capitalistas cresceram, apesar de, nos anos 80, se detectar uma tendência em ambos para encorajarem outros empreendimentos não estatais ou privados. Mesmo nos países dedicados em teoria ao neoliberalismo, a importância contínua da administração, planejamento e direção estatal tem sido relegada a um patamar bem mais distanciado, e a receita e a despesa públicas adquirem um peso bem maior nas economias dos Estados, sobretudo por seu crescente papel de agentes de redistribuições da renda social por meio de mecanismos de bem-estar e fiscais. Isso, provavelmente, tem tornado o Estado nacional um fator bem mais central nas vidas dos habitantes mundiais do que antes. Economias nacionais, embora enfraquecidas por uma economia transnacional, coexistem e interagem com ela [...]

Nada disso significa que, hoje, o nacionalismo não seja muito proeminente na política, ou que haja menos nacionalismo do que havia antes. O que eu argumento, mais propriamente, é que apesar de sua evidente proeminência, o nacionalismo é, historicamente, menos importante. Não é mais, como antes, um programa político global, como se poderia dizer que foi nos séculos XIX e início do XX. É, na maior parte, um fator complicador, ou um catalisador para outros desenvolvimentos. Não é implausível apresentar a história do mundo eurocêntrico do século XIX como aquele da 'construção das nações', assim como fez Walter Bagehot. Nós ainda apresentamos dessa maneira a história dos principais Estados europeus da Europa, depois de 1870, como no título da obra de Eugene Weber, De camponeses para Franceses. Estaria alguém inclinado a escrever essa história do final do século XX e do início do século XXI em tais termos? Parece improvável.

Pelo contrário, essa história teria que, inevitavelmente, ser escrita como a história de um mundo que não pode mais ser contido dentro dos limites das 'nações' e 'Estados-nações', como estes costumavam ser definidos, tanto politicamente, ou economicamente, ou culturalmente, ou mesmo, linguisticamente. Essa história verá 'Estados-nações' e 'nações', ou grupos primariamente étnico-linguísticos, antes retrocedendo, resistindo a, se adaptando a, sendo absorvidos ou deslocados pela nova reestruturação supranacional do planeta. Nações e o nacionalismo estarão presentes nessa história, mas em papeis subordinados e, muito frequentemente, menores. Não significa isso que a história e cultura nacionais não deverão ter importância - talvez maior ainda do que antes -, nos sistemas educacionais de países específicos, principalmente aqueles menores, ou que poderão não florescer localmente dentro de um quadro supranacional maior. Pode-se dizer que, hoje, a cultura catalã floresce, mas na pressuposição tácita de que são os catalães que irão se comunicar com o resto do mundo através do espanhol e do inglês, desde que são poucos os não-residentes na Catalunha que estarão aptos para se comunicar na língua local.

Como sugeri, 'nação' e 'nacionalismo' não são mais termos adequados para descrever as entidades políticas descritas como tais, e muito menos para analisar sentimentos que foram descritos, uma vez, por essas palavras. Não é impossível que o nacionalismo irá declinar com o declínio do Estado-nação, sem o que 'ser' inglês, ou irlandês, ou judeu, ou uma combinação desses todos, é somente um dos modos pelos quais as pessoas descrevem suas identidades, entre muitas outras que elas usam para tal objetivo, como demandas ocasionais [...]".

HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780:* programa, mito e realidade.

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 203-215.

Aula 2

**Objetivo da aula:** Fichamento - finalização.

**Materiais específicos necessários:** uma cópia do texto para cada estudante / dicionário.

**Organização dos estudantes:** Em fileiras.

**Etapas de desenvolvimento:**

* A aula inteira será destinada à produção do fichamento, sendo que se deve apenas tirar eventuais dúvidas e orientar para que solucionem as dificuldades que aparecerem.

Aula 3

**Objetivo da aula:** Discussão da atividade de fichamento e do texto estudado.

**Materiais específicos necessários:** fichamentos produzidos / texto.

**Organização dos estudantes:** Semicírculo.

**Etapas de desenvolvimento:**

* Pautar a primeira parte da discussão nas dificuldades encontradas tanto na leitura como no fichamento (por exemplo: na escolha do que entrar para o resumo e do que não entrar, nas palavras desconhecidas, na estrutura do texto, na falta de conhecimento sobre assuntos do texto, etc.).
* Lembrar aos estudantes que a proposta justamente era a de causar tais estranhamentos e dificuldades, que muitas vezes demoramos mesmo para compreender um texto, uma imagem ou algum outro material quando nos dispomos a estudar. O conhecimento exige certo esforço e não podemos nos contentar em apreender rapidamente tudo aquilo que nos rodeia: é necessário demorar-se no objeto estudado e procurar, por diversos caminhos, melhor compreendê-lo.
* Peça para que os estudantes leiam exemplos dos parágrafos fichados, para que possam comparar as diferentes produções.
* Depois, continue a aula discutindo parágrafo por parágrafo, para depois, como tarefa (se possível), cada estudante produzir uma síntese de todo o texto. De qualquer modo, ao final da aula o professor pode preparar uma fala final sintetizando as ideias do texto mais pertinentes para o contexto da turma e dos trabalhos anteriores e posteriores.
* A seguir, um breve comentário sobre cada parágrafo:

1. Alusão a movimentos separatistas e a conflitos étnicos crescentes após a Segunda Guerra Mundial e devido a interferências externas na constituição de novos países.
2. Reforço da ideia de que muitos países foram criados mais por influências externas que por forças internas, estas mais ligadas à terra. Influência de processos coloniais na criação desses países, tornando frágeis suas identidades nacionais.
3. Fragilidades quanto a uma unidade nacional devido a fortes influências externas, forças não nacionalistas, mas internacionalistas.
4. Conflitos entre habitantes mais ligados à terra com habitantes mais ligados a forças externas/internacionais.
5. Economias nacionais fragilizadas devido à emergência de uma economia mundializada, representada por empresas multinacionais e transnacionais.
6. Força do sistema de transações internacionais frente às economias nacionais.
7. Importância das revoluções nos meios de transporte e comunicação, de movimentos migratórios, diminuindo a relevância da ideologia das nações e do nacionalismo.
8. Não é o fim das economias e dos governos nacionais, mas antes uma mudança no modo como atuam e regulam a vida de seus habitantes.
9. O argumento é que o nacionalismo já não se manifesta como se deu até meados do século XX.
10. O desafio é compreender que continua havendo a nação e o nacionalismo, mas os limites e as fronteiras já não bastam para compreendê-los satisfatoriamente.
11. Cada vez mais a identidade não se estabelece apenas a partir do que há dentro dos limites de um país.

* Importante destacar, em primeiro lugar, se os estudantes compreenderam minimamente as ideias do autor. Em segundo lugar, é relevante abrir a possibilidade de os estudantes discordarem do autor, tendo em vista, por exemplo, recentes movimentos nacionalistas europeus ressurgindo. De qualquer modo, espera-se que o texto contribua para a continuação dos estudos relacionados ao tema.

AVALIAÇÃO FINAL DAS ATIVIDADES REALIZADAS

Avaliação geral

Avaliação geral das atividades

* A avaliação dos estudantes deve ser realizada de modo contínuo, em todas as aulas, observando o desempenho individual e em grupos, atento aos modos de participação e desenvolvimento da postura de estudante. O professor pode elaborar, ao longo das aulas, um glossário com nomes e termos mais importantes da sequência didática, pedindo para que os estudantes utilizem os dicionários. Em um primeiro momento, esse glossário pode ser feito coletivamente e sob orientação do professor.

1. Leia com atenção: "Encheram a terra de fronteiras, carregaram o céu de bandeiras. Mas só há duas nações - a dos vivos e a dos mortos". (COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 14). A partir desse fragmento, o que é possível compreender acerca do termo "nação"?
2. Quais características (hábitos) o definem como "brasileiro". E quais poderiam ser consideradas como "não-brasileiro"?

*a) Espera-se que o estudante ofereça as seguintes respostas: a) Espera-se que os estudantes escrevam que o termo "nação" advém de criações humanas, de fronteiras estabelecidas por humanos, por bandeiras, hinos, símbolos, idiomas, criados ao longo dos tempos e de acordo com o processo histórico vivido por determinados habitantes. O trecho também sugere que mortos, os habitantes não levam tais criações e assim se juntam a uma só nação, a apenas uma humanidade, ausente das características que, se por um lado os definem, por outros os afastam. Nesse sentido, a provocação do autor sugere que o pertencimento a uma dada nação pode ser criação exagerada para justificar guerras e processos de exploração e dominação de uns sobre outros.*

*b) Espera-se que a questão desperte interesse e também polêmica, mas de qualquer modo a importância é provocar o estudante a pensar sua própria identidade, as coisas que o definem e, nesse sentido, que coisas o permitem encaixa-lo como brasileiro e aquelas que estariam à margem dessa classificação. As respostas podem ser muito variadas e deve-se ter cuidado para eventuais preconceitos e estereótipos. Se houver tempo, pode-se trabalhar tudo o que aparecer no sentido de problematizar, de quebrar estereótipos, de identificar os motivos de tal coisa ser considerada preconceito. O objetivo é que os estudantes possam voltar um pouco para si mesmo, para depois compartilharem com os colegas, ouvirem os mesmos, e trabalharem a noção de identidade a partir de tal discussão. Caso algum estudante não seja brasileiro, pode-se perguntar a partir da sua própria nacionalidade.*

AUTOAVALIAÇÃO

Sugestão de itens a serem avaliados pelos estudantes, preferencialmente com as atividades corrigidas em mãos, além do caderno. O professor pode optar por dois caminhos: cada estudante respondendo individualmente para depois compartilharem; todos os estudantes sentados em semicírculo, o professor comenta cada item, ouve alguns estudantes e depois disso cada estudante assinala. É importante que o estudante tenha clareza no que era esperado em cada atividade/situação didática, assim como compreender que esta autoavaliação refere-se a questões atitudinais também.

* Produzir fichamento parágrafo por parágrafo.
* Compreender o texto a partir da produção do fichamento.
* Compreender o texto a partir das discussões em sala.
* Utilizar dicionário para produção do glossário.
* Registrar no caderno as etapas realizadas nesta sequência didática.
* Contribuir para o bom ambiente de estudo.
* Escutar atentamente os colegas e falar a partir de um pensamento organizado que cada estudante avalie sua participação e escreva um texto avaliando a atividade como um todo.

Fontes de consulta

BRESSER Pereira. *Nacionalismo*: centro e periferia do capitalismo. Disponível em: <<http://www.bresserpereira.org.br/papers/2007/07.18NacionalismoCentroEPeriferiaDoCapitalismo.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

NEXO Jornal. *O que move o separatismo da Catalunha.* Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/grafico/2017/10/04/O-que-move-o-separatismo-da-Catalunha>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

ONU. *Apátridas*. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/apatridas/>>. Acesso em: 23 ago. 2018.